



A enunciação tensiva em diálogo

Renata Mancini*

Resumo: Ao desvelar a dimensão sensível da palavra de modo operacional e propor a perspectiva de um sistema dinâmico, Zilberberg e outros permitiram algumas aberturas para a semiótica greimasiana que realinharam a teoria a desafios contemporâneos que fugiriam do escopo das propostas iniciais. Procuraremos mostrar um caminho que nos permite almejar uma visão integrada das duas visões de enunciação já estabelecidas na teoria – a enunciação conforme concebida por Greimas e a enunciação tensiva. Para tal, puxamos o fio do processo de construção identitária pelo conceito de junção, para mostrar como o sujeito da enunciação greimasiano pode se irmanar com a práxis tensiva. Estabelecemos um paralelo das categorias de pessoa, espaço e tempo do nível discursivo com a dêixis perceptiva organizadora dos fluxos tensivos, entendidos sob a forma de profundidades espacio-temporais organizadas a partir da perspectiva de um observador. Propomos o rebatimento do tempo e do espaço discursivos com a temporalidade e a espacialidade tensivas, elementos de demarcação da situação de interlocução organizadas por um observador que no nível discursivo controla a delegação das vozes e na arena tensiva rege “despoticamente” os aumentos e diminuições constitutivas de nossa vivência, os mesmos aumentos e diminuições que, não por acaso, Zilberberg denomina aspecto.

Palavras-chave: Enunciação; Abordagem tensiva; Práxis enunciativa.

1 Introdução

Instável não é desorganizado, caótico, sem qualquer princípio de ordem. Isso seria não-significante. Instável é o que não é fixo, o que não é permanente e, principalmente, o que muda de lugar.

(José Luiz Fiorin)

A renovação e expansão de uma teoria estão no cerne da postura pautada pela lógica científica. Entretanto, a reverência pelo caminho trilhado não é menos importante na construção sólida da abordagem científica de um problema. Fazemos

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.156074

* Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).
Endereço para correspondência: { renata.mancini@gmail.com }.

coro com Claude Zilberberg quando cita Hjelmslev para dizer que não podemos falar de pontos de vista definitivos (Zilberberg, 2001, p. 20), porque o respeito pela vitalidade de uma proposta metodológica tem que abarcar, sem hesitação, tanto o que embasa o edifício teórico quanto o que o solicita a se desdobrar em novas proposições.

A postura científica de Claude Zilberberg é irretocável em ambas as direções, na medida em que traz à tona as potencialidades das propostas de Hjelmslev, ao mesmo tempo revisitadas com rigor e reverência, e renovadas e expandidas na dimensão textual. Badir (2004) ressalta a base hjelmsleviana das proposições de Zilberberg, quando diz que:

Ao fixar a estrutura, a direção e o valor como campos de determinação dos conceitos norteadores da semiótica tensiva, o pensamento de CZ realiza o projeto inicial de Hjelmslev de uma gramática geral apoiada por uma base linguística¹. (Badir, 2004, p. 4 - tradução nossa)

Badir ainda sintetiza o que concebeu como sendo os eixos principais da obra *Elementos de semiótica tensiva*, a nosso ver a obra mais bem acabada da vasta contribuição de Claude Zilberberg ao campo da semiótica.

O conceito de dependência é diretamente emprestado de Hjelmslev. Zilberberg insiste que a semiótica Hjelmsleviana concebe dependências onde a semiótica saussuriana vê diferenças (diferenças “simples”) e a semiótica de Praga vê oposições [...]. 2) A foria consagra a concepção de um sistema em movimento [...]. 3) A primazia do afeto, com seu interesse pelo valor, é a terceira característica marcante da semiótica tensiva². (Badir, 2004, p. 2 - tradução nossa)

Ao desvelar a dimensão sensível da palavra de modo operacional e ao propor a perspectiva de um sistema dinâmico, Zilberberg e outros permitiram algumas aberturas para a semiótica greimasiana que realinharam a teoria a desafios contemporâneos que fugiriam do escopo das propostas iniciais.

Marcando sua reverência e adesão também às propostas de Greimas, todo o pensamento de Zilberberg irradia do conceito de *junção* e disso decorre o fato de que o entendimento do processo de semiose passa pela discussão da formação de identidades, no caso, identidades em devir, dinamicamente instituídas no próprio processo de construção da existência semiótica.

Dois momentos distintos do percurso intelectual de Zilberberg deixam claro a importância de sua adesão à perspectiva dinâmica, vetorial, por assim dizer, do processo de construção de sentido. Se, num primeiro momento, em *Tensão e Significação*, é marcada a ideia de que “um observador sensível é instalado no

¹ “En retenant la structure, la direction et la valeur comme champs de détermination des concepts directeurs de la sémiotique tensive, la pensée de CZ accomplit le projet initial de Hjelmslev, celui d’une grammaire générale, certes appuyée sur une base linguistique” (Badir, 2004, p. 4).

² “1) Le concept de dépendance est directement emprunté à Hjelmslev (Prolégomènes à une théorie du langage, 35-42). Zilberberg insiste sur le fait que la sémiotique hjelmslevienne conçoit des dépendances là où la sémiotique saussurienne voit des différences (de «simples» différences) et la sémiotique pragoise des oppositions (ce qui, au contraire, est bien trop déterminant) [...]. 2) La phorie consacre la conception d’un système en mouvement [...]. 3) Le primat de l’affect, avec l’intérêt qu’il témoigne pour la valeur, constitue le troisième trait saillant de la sémiotique tensive” (Badir, 2004, p. 2).

cerne da categorização, como o próprio lugar das correlações entre gradientes semânticos” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 20), em um momento posterior, em *Elementos de Semiótica Tensiva*, uma outra questão primordial se coloca: a atenuação das fronteiras entre paradigma e sintagma, o que é o mesmo que propor um enfraquecimento da demarcação entre sistema e processo (Zilberberg, 2011, p. 95), algo que será fartamente explorado na mesma obra e que fica explícito nas palavras do autor: “Vê-se, portanto, que ‘ao fim e ao cabo’ as identidades paradigmáticas são. . . sintagmáticas; o paradigmático é apenas um vestígio” (Zilberberg, 2011, p. 13).

Ao trazer à tona “a reciprocidade simultaneamente paradigmática e sintagmática do aumento e da diminuição” (Zilberberg, 2011, p. 16), tendo em vista que “o que é pertinente nessa orientação da semiótica é a direção da continuidade” (Fiorin, 2007, p. 14), Zilberberg recoloca a discussão do aspecto atrelado a uma existência em devir.

A semiótica, divergindo de suas escolhas iniciais, terminou por conceder ao aspecto um alcance extraordinário, muito além de sua aplicação ao processo. Figuralmente falando, o aspecto é a análise do *devir ascendente ou descendente de uma intensidade*, fornecendo, aos olhos do observador atento, certos mais e certos menos. (Zilberberg, 2011, p. 17 - itálicos do autor)

Adotar a perspectiva da dinamicidade traz inúmeras implicações para o encaminhamento de questões consagradas da teoria. Em estudo minucioso sobre aspectualização, Gomes (2018) explica essa ampliação do escopo do conceito, a partir da incorporação da ótica tensiva:

Em semiótica, a aspectualização tem sido vista ora como um procedimento próprio do nível discursivo, incidindo sobre as categorias enunciativas do tempo, do espaço e da pessoa; ora vem sendo percebida como uma nova contribuição metodológica, acolhendo o acento e a graduação, os afetos e a percepção, abrangendo o discurso como um todo, como propõe a semiótica tensiva. (p. 109)

No mesmo artigo, a autora explicita ainda a operacionalidade do conceito abordado sob o olhar tensivo e o aumento na abrangência de sua aplicação:

A abordagem tensiva da aspectualização não limita a análise ao nível discursivo do plano do conteúdo, podendo ser aplicada aos diversos níveis e mesmo aos estilos discursivos, concessivos ou implicativos, além do plano da expressão. A contribuição tensiva apresenta, portanto, um conjunto econômico de valências que fazem surgir uma variedade rica de valores aspectuais aplicáveis à análise dos textos, tanto no nível do enunciado, quanto no nível da enunciação, abrangendo o estudo do sentido em diversos níveis de pertinência e nos diferentes planos da linguagem. (p. 114)

Diana Barros, em artigo sobre a aspectualização dos discursos orais, já reclamava uma integração de níveis mais abstratos na caracterização teórica desse conceito:

Se aceitarmos metodologicamente que a construção do sentido de um texto é organizada ao longo de um caminho gerativo que inclui três níveis de descrição, devemos então procurar as “as raízes” da aspectualização nos níveis mais “profundos” ou

mesmo nos níveis das pré-condições da significação³. (Barros, 1998, p. 3 – tradução nossa)

A autora recupera essa visão mais abrangente do conceito, quando coloca a aspectualização em perspectiva e discute seus vários níveis de incidência, dentre os quais a aspectualização discursiva e a relação da aspectualização com as pré-condições da significação (Barros, 2017).

Embora a aplicabilidade do conceito, tomado em paralelo a partir de sua caracterização pelas óticas padrão e tensiva, esteja já consagrada – como nos trabalhos de José Luiz Fiorin para demonstrar a produtividade da aproximação entre semiótica e retórica; nas discussões de Diana Luz Pessoa de Barros, ao tratar a questão da aspectualização nos discursos orais e ao explicitar a centralidade da dimensão passional na construção de discursos organizados a partir do ponto de vista da intolerância; nas propostas de Norma Discini para caracterizar o ator da enunciação desde os direcionamentos tensivos até as marcas discursivas; na pesquisa de Regina Gomes, em que tece um percurso de análise minucioso da aspectualização com o uso das categorias discursivas e tensivas; sem mencionar as contribuições de Luiz Tatit na proposição de uma semiótica da canção, para citar apenas alguns –, não há ainda consenso em relação às implicações da aproximação entre as duas abordagens no que diz respeito ao lugar e os limites da enunciação na teoria.

Fiorin deixa explícito o problema quando diz que:

A noção de que semiótica tensiva complementa a semiótica clássica é atraente, uma vez que confere à teoria uma ampla gama de aplicabilidade, dado o fato de que a continuidade e a descontinuidade estariam ambas envolvidas na explicação do processo de produção de sentido. No entanto, esta hipótese ainda deve ser verificada. É a questão da enunciação que permitirá (ou não) que essas duas orientações semióticas sejam reconciliadas entre si⁴. (Fiorin, 2017, p. 265-6 – tradução nossa)

Em se tratando do conceito de enunciação, qualquer que seja a perspectiva adotada, toda a discussão tem sua origem comum em Benveniste, com quem o conceito ganha vida nos estudos da linguagem. Para o autor “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p. 82), o que instaura imediatamente o problema da mediação entre a estrutura e a singularidade. Fiorin explica essa passagem nos seguintes termos:

Isso faz da enunciação a instância de mediação entre língua e discurso, sendo uma instância um conjunto de categorias que cria um domínio específico. Portanto, essa

³ “Si l’on accepte méthodologiquement que la construction de la signification d’un texte s’organise selon un parcours génératif qui comporte trois paliers de description, il faudra alors chercher les ‘racines’ de l’aspectualisation aux niveaux plus «profonds» ou même au niveau des pré-conditions de la signification” (Barros, 2012, p. 3).

⁴ “The notion that tensive semiotics complements classical semiotics is appealing, since it endows the theory with a wide range of applicability, given the fact that continuity and discontinuity would both be involved in explaining the process of meaning production. However, this hypothesis is still to be verified. It is the issue of enunciation that will (or will not) permit these two semiotic orientations to be reconciled with one another” (Fiorin, 2017, p. 265-6).

instância de mediação é o conjunto de categorias que permite a passagem da língua para a fala⁵. (Fiorin, 2017, p. 258 – tradução nossa)

Os primeiros esforços de Greimas (1974) para incorporar a noção de enunciação na semiótica foram o de desvinculá-la de uma manifestação ligada a um sujeito ontológico e defini-la como sujeito lógico, pressuposto ao enunciado.

Pautando-se nas proposições de Greimas, Fiorin situa o lugar da enunciação no nível discursivo do percurso gerativo de sentido, quando na obra *As astúcias da enunciação* apresenta um trabalho monumental de demonstração da produtividade das operações de debreagem e embreagem, operações pelas quais a enunciação se instaura no enunciado, a partir das estratégias de projeção das categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo.

Adotando o ponto de vista tensivo, Tatit (2019) marca que para Zilberberg o alcance da projeção da enunciação no enunciado emana desde os estratos mais profundos da geração de sentido:

[. . .] as oscilações tensivas evidenciam os valores primitivos em relação aos quais o sujeito se define como tal e que servirão de base para a constituição das categorias modal, actancial e figurativa. É aí que reside todo o interesse semiótico do modelo em questão: as funções que governam os níveis superficiais derivam dos valores selecionados no nível tensivo-fórico⁶. (Tatit, 2019, p. 4 – tradução nossa)

E a partir de uma argumentação geral, na mesma direção da que apresentaremos adiante com algum grau de detalhamento, chega à seguinte afirmação:

Para Zilberberg, a enunciação em si se articula em termos de oscilações tensivas, privilegiando tanto as demarcações e as condensações (isto é, as discontinuidades), quanto as progressões e as expansões do fluxo fórico (e, portanto, o contínuo). Isso explica o poder criativo da instância da enunciação: poder criador do tempo, com suas expectativas, no primeiro caso, e criador do espaço, com suas expansões e seus desdobramentos narrativos, no segundo. A instância reguladora de todas essas alternâncias rítmicas não é outra senão o Eu na posição de sujeito enunciador⁷. (Tatit, 2019, p. 3 – tradução nossa)

A contraposição dessas duas visões, a dita padrão e a tensiva, é o que interessa para a nossa discussão. Porque, embora já esteja solidamente estabelecido na

⁵ “This makes enunciation the instance of mediation between language and discourse with an instance being a set of categories that creates a specific domain. Therefore, this instance of mediation is the set of categories that allows the passage from language to speech” (Fiorin, 2017, p. 258).

⁶ “[. . .] les oscillations tensives font émerger les valeurs primitives par rapport auxquelles le sujet se définit comme tel, et qui serviront de base à la constitution des catégories modales, actantielles et figuratives. C’est là que réside à notre sens tout l’intérêt sémiotique du modèle en question: les fonctions qui régissent les niveaux superficiels découlent des valeurs sélectionnées au niveau tensif-phorique” (Tatit, 2019, p. 4).

⁷ “Chez Zilberberg, c’est en effet l’énonciation elle-même qui s’articule en termes d’oscillations tensives, privilégiant tantôt les démarcations et les condensations (c’est-à-dire les discontinuités), tantôt l’écoulement et l’expansion du flux phorique (et donc le continu). On explique ainsi le pouvoir créateur de l’instance d’énonciation: pouvoir créateur de temps, avec ses attentes, dans le premier cas, et créateur d’espace, avec ses expansions et ses dédoublements narratifs, dans le second. L’instance régulatrice de toutes ces alternances rythmiques n’est autre que le Je en position de sujet énonciateur” (Tatit, 2019, p. 3).

teoria que a abordagem tensiva trata dos fenômenos contínuos, de modo a integrar o universo sensível ao modelo, ou que “uma semiótica dos acontecimentos deve mostrar o papel relevante dos andamentos não só no sistema, mas também no processo” (Fiorin, 2007, p. 14), ou ainda que “o sensível alarga-se como estesia constituinte de todo enunciado e é apresentado como função de uma foria não restrita à timia fundamental” (Discini, 2019, p. 2), parece ainda ser necessário demonstrar de que modo a enunciação, entendida como instância do *eu-aqui- agora* projetada no enunciado, pode ser conduzida, enquanto um lugar no modelo, para um nível de maior abstração, em que demarcações nítidas dão lugar a uma dinâmica de fluxos direcionados.

Fiorin (2017) assume uma postura pessimista em relação à possibilidade de cooperação irmanada das noções, padrão e tensiva, de enunciação, quando afirma que “a diferença de seus conceitos de enunciação faz com que esses modelos não sejam compatíveis entre si. [...] Ao não levar em conta o lugar que a enunciação ocupa no percurso gerativo de sentido, esses modelos não têm como se reconciliar”⁸ (p. 271 – tradução nossa).

Adotaremos uma postura mais otimista em relação a esse debate e procuraremos mostrar um caminho que nos permite almejar uma visão mais integrada dessas abordagens. A chave para isso nos parece ser a já mencionada perspectiva de um sistema dinâmico, em que são atenuadas as fronteiras entre paradigma e sintagma.

Fiorin aponta ainda que “a enunciação não pode ser reduzida a uma mera mediação de um nível a outro. Ela é também responsável pela emergência, esquematização e modificação do sistema”⁹ (2017, p. 269 – nossa tradução). Fazendo a ressalva de que não concordamos com o termo “mera” de sua formulação, o rumo que tomaremos para pensar essa questão será o de mergulhar na noção de *práxis enunciativa* e entender sua relação com os *modos de existência* ao longo dos trabalhos de Zilberberg. Procuraremos, com isso, tecer um argumento de reconciliação desses dois conceitos de enunciação, mostrando sua via de diálogo.

A ideia é percorrer um trajeto possível na teoria, puxando o fio da construção identitária, para chegarmos à *práxis enunciativa* e mostrar como o sujeito da enunciação greimasiano pode se irmanar com a *práxis tensiva*. Propomos estabelecer um paralelo das categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo do nível discursivo com a dêixis perceptiva organizadora dos fluxos tensivos, entendidos sob a forma de profundidades espaço-temporais organizadas a partir da perspectiva de um observador¹⁰, o que abre portas para o estudo do enunciado como profundidade enunciativa dependente de um regime de dominâncias entre os modos de existência da *práxis enunciativa*.

⁸“the difference in their concept of enunciation makes these models incompatible with one another. [...] Without taking into account the generative trajectory of meaning and the place that enunciation occupies in it, these models cannot be reconciled.” (Fiorin, 2017, p. 271).

⁹ “[...] a enunciation cannot be reduced to a mere mediation from one level to another. It is also responsible for the emergence, schematization, and modification of the system” (Fiorin, 2017, 269).

¹⁰Parte da discussão apresentada neste artigo condensa algumas das nossas propostas discutidas na tese “Dinamização nos níveis do percurso gerativo: canção e literatura contemporânea”, defendida na FFLCH-USP em 2006.

Pareceu ainda produtivo darmos um passo adiante e também trazer para esta discussão o conceito semiótico de *corpo* (Fontanille, 2004), que passa a ser o lugar natural onde se experimenta com nitidez a relação especular das categorias dêiticas com a dêixis perceptiva, dado que integra uma sintaxe de formação do produto figurativo a partir de fluxos tensivos. Nunca é demais mencionar que a noção de corpo aqui não se presta à sua acepção anatômica corrente, o que reclamaria uma dimensão ontológica que não nos interessa. Trata-se de um corpo discursivamente ancorado, definido pelo autor a partir de duas frentes: 1) o corpo como substrato da semiose; 2) o corpo como figura (p. 16).

A ambição é aproximar as considerações sobre as estratégias de projeção da enunciação no enunciado de modo a contemplá-las como um todo, desde suas modulações sensíveis. Esperamos, com isso, contribuir para o entendimento de que os conceitos greimasianos, quando pensados a partir de suas cifras tensivas, ganham força operacional, mesmo se confrontados com textos contemporâneos ou midiáticos que desafiam suas potencialidades em modular as forças sensíveis que o enunciador mobiliza para o fazer persuasivo e consequente engajamento do enunciatário.

2 A centralidade da relação juntiva e a estabilização de uma identidade movente

2.1 A perspectiva subjetal

A reverência do pensamento de Zilberberg à noção greimasiana de junção já foi mencionada, mas procuraremos explicitá-la aqui ao propormos um trajeto breve do conceito, conforme sua acepção inicial e ao longo de suas transformações na teoria.

Sabemos que toda a semiótica greimasiana é formulada com base na *relação juntiva*. Do trabalho de Propp à formulação de uma sintaxe narrativa, assim como no estudo dedicado às *paixões* – envolvendo as precondições de formação do sentido –, a noção de *junção* está no centro das formulações semióticas. Mesmo uma aproximação mais decidida da teoria com suas bases fenomenológicas não alterou tal fato. No eixo sintagmático, a *junção* é entendida como a função responsável pela relação entre o *sujeito* e o *objeto*. É paradigmaticamente definida como a categoria semântica cujos funtivos são a *conjunção* e a *disjunção*.

Conceber a *junção* enquanto estado, graças à centralidade do elemento passional na teoria, foi por algum tempo questão premente para o desenvolvimento da semiótica. Em seu artigo “La construction de l’acteur”, de 1985, Ignacio Assis Silva já reivindicava que o componente passional, assim como o modal e o posicional, deveriam integrar o papel actancial. Decorrencia direta dessa proposição, o ator se revelaria não mais como um “tema ou percurso temático formulado actancialmente, mas como uma figura erigida ao estatuto de ‘figura-ator’ pelo processo discursivo. Não mais uma simples figura, mas uma figura narratológica construída como um *lugar* do discurso”¹¹. Este *lugar* funda o que o autor chamou de “um ponto de

¹¹ « [...] thème ou un parcours thématique formulé, mais comme une figure érigée par les procédés

vista sobre o estado”, o que lhe permitiu, mais adiante, afirmar que, da mesma forma que não há processo sem sujeito observador, não há tampouco estado. Silva deduz desse fato que o processo é o tempo aspectualizado e o estado, o espaço aspectualizado.

É notável que essa reflexão de Silva, feita antes mesmo da publicação de *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille, 1993 [edição original em 1991]), antecipe uma direção que seria tomada posteriormente pela teoria. Suas ideias vão ao encontro do que, mais tarde, seriam as noções de *campo de presença* (Fontanille; Zilberberg, 2001 [edição original em 1998]) e *corpo* (Fontanille, 2004) que, como veremos adiante, decorrem diretamente do fato de a *junção* poder ser concebida também como *estado*.

Nas três formulações (naquela proposta por Silva, assim como nas noções de *campo presença* e de *corpo*) há um componente sensível em movimento orientado a ser delimitado por um elemento cuja função seria a de estabilizar identidades. São três formulações que, concebidas em momentos distintos, parecem ser desenvolvimentos possíveis de uma mesma problemática. Todas recaem sobre a noção de junção e a amplitude teórica de seus desdobramentos só faz por acompanhar a amplitude dos desafios criados pelos textos atuais.

A identidade parcial entre sujeito e objeto é essencial para compreendermos que há um estrato mais profundo e, conseqüentemente, mais abstrato responsável pelo vínculo entre sujeito e o valor do objeto. (Tatit, 1999, p. 43)

Esse é, inclusive, o papel da *somação*, a primeira negação que define um campo onde se darão as relações entre um *quase-sujeito* e uma *sombra de valor*. A *somação* é a primeira delimitação propriamente dita daquilo que se cindirá em *sujeito* e *objeto*, o que significa dizer, entre aquilo que se definiu como *eu* a partir da negação de tudo o que é considerado o *não-eu*.

A *sombra de valor*, configuração prévia do *objeto* prospectivo, define-se, então, a partir da “mirada” do sujeito sobre o campo em que se inscreve. Dito de outro modo, a *sombra de valor* é uma área focalizada pelo *quase-sujeito* no momento da *protensividade*. É uma *região* que pode ser concebida como uma organização prévia da área que será posteriormente delimitada como valor.

A atuação do *quase-sujeito* na formação da *sombra de valor* abre as portas de um universo semantizado e institui uma perspectiva, o “*lugar do discurso*” (Silva, 1985), a partir da qual a construção textual ganha status de profundidade semântica. Nas palavras de Greimas e Fontanille (1993, p. 38), “o sujeito operador soma uma posição que, a partir de uma sombra de valor, cerca a zona de uma categoria.”

A *relação juntiva*, tal como apresentada em *Semiótica das Paixões*, ganha uma versão adensada quando mais tarde é reformulada como *campo de presença*. A *junção* tem como pré-requisito a mobilização de um sujeito que se entende como tal em movimento de liquidação de uma falta decorrente de sua distância (temporal ou espacial) em relação a um objeto-valor. Isso quer dizer que, neste caso, o sujeito apenas assume uma identidade coesa a partir de seu estado disjuntivo e na duração do processo de busca da conjunção.

discursifs, au statut de figure-acteur. Il ne s’agit plus de simple figure, mais d’une figure narratologique construite comme un lieu du discours [. . .] » (Silva, 1985, p. 577).

O *campo de presença*, por sua vez, apresenta uma versão mais tênue desta relação. Refuta exatamente a predeterminação dos polos – sujeito/objeto – dessa interação e propõe uma tomada de posição a partir da continuidade que se estabelece nessa ininterrupta determinação mútua. É a partir desse lugar que se consolida a formulação da *existência semiótica* como uma existência dinâmica, pela qual o *ser* só se configura como tal quando inserido em um percurso delimitado por sua própria interação com o mundo. Dito de outro modo, o *ser* se constrói na passagem por um percurso que é delimitado por sua própria percepção. O domínio considerado para a delimitação desse percurso é aquele determinado pelo *alcance espaço-temporal* do *ato perceptivo*, que pode ser expresso tanto em termos da extensão dos objetos percebidos, denominada por Fontanille e Zilberberg (2001) *apreensão* (fr. *saisie*), quanto em termos da intensidade das percepções, ou *foco* (fr. *visée*).

Entendido como configuração perceptiva, o *campo de presença* seria constitutivo tanto do enunciado quanto da enunciação. Nessa medida, atrela a problemática da *presença* à da *enunciação* e constrói uma metalinguagem comum a estas duas instâncias, permitindo que ambas sejam tratadas como *variedades enunciativas da presença*, controladas pelas categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 124-125).

Neste sentido, as dimensões espaço e tempo, constitutivas do *campo de presença*, são convertidas, respectivamente, em profundidade e mnésia, esta última entendida como “versão despsicologizada da memória” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 126). Em outros termos, ambas as dimensões se organizam na dependência de um observador.

Essa formulação semiótica incorpora, portanto, a visão fenomenológica do tempo, uma vez que propõe que o *mundo* e o *ser* constroem-se simultaneamente, e mutuamente, em um percurso delimitado pelo *ato perceptivo*. A manutenção do *dever* é decorrência da duração da coexistência de ambos, que, por sua vez, é garantida pela *percepção*. Disso decorre que as leis rítmicas que garantem a perpetuação de tal relação são a própria constituição “daquilo que existe”. Daí a importância do *aspecto* para a discussão da existência semiótica, fato que leva Claude Zilberberg a propor um elemento figural na criação dos processos de significação.

Merleau-Ponty (1999, p. 551) afirma que “o tempo supõe uma visão sobre o tempo”, o que é o mesmo que dizer que não há noção de tempo sem a noção de perspectiva, sem um observador, portanto, sem um centro dêitico. A noção de tempo é, assim, equacionada a partir das relações entre passado, presente e porvir desdobradas pela e na consciência. Nas suas próprias palavras: “Não digamos mais que o tempo é um ‘dado da consciência’, digamos, mais precisamente, que a consciência desdobra ou constitui o tempo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 555).

Ao se aproximar da visão fenomenológica de uma existência temporal, a semiótica acaba por definir a *presença* em termos dêiticos, a partir de um presente linguístico. Nessa medida, para além da busca da conjunção, o *ser* pode se configurar a partir da “plenitude [...] sempre por ser conquistada” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 123).

Essa *plenitude* almejada é um dos *modos de presença* que dizem respeito aos

modos de existência semióticos, quais sejam: *realizado*, *potencializado*, *virtualizado* e *atualizado*, tomados aqui tal como aparecem em *Tensão e Significação* (Fontanille; Zilberberg, 2001). Voltaremos a eles em breve.

2.2 A perspectiva objetal

O *campo de presença* se organiza a partir de *valências* tratadas como gradientes de *intensidade* e *extensidade*, que se relacionam entre si, e que são orientados em relação a um observador sensível. Como decorrência, “o valor é a função que associa as duas valências e essas duas valências – esses gradientes orientados e correlatos – são funtivos do valor” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 22).

Poderíamos considerar essa grade de possibilidades formada por *valências* orientadas a partir de um centro dêitico como a formalização do que em *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille, 1993, p. 44-45) foi descrito como a *sombra de valor* focalizada pelo *observador*. Neste sentido, é interessante notar que, em *Tensão e Significação*, é finalmente esboçada uma formalização para o fato de que o campo formado pelo entrecruzamento de *valências* tenha que ser delimitado (recortado) para poder finalmente dar lugar à formação do *valor*. Isso é explicitado pelos autores na seguinte formulação:

A rearticulação das valências em valores, no espaço semio-narrativo, supõe que as dependências/independências sejam convertidas em diferenças [...] de maneira que os limiares ou limites projetados sobre as valências tornam-se fronteiras de uma categoria estabilizada e discretizável. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 29)

O papel preponderante das valências na formação dos valores é sublinhado na seguinte formulação de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 37):

Os estilos próprios aos valores são, pois, sobredeterminados por seus regimes de valências [...]. As avaliações estéticas e éticas e seus correlatos emocionais assinalam aqui claramente que as valências subtendem as axiologias e que é sobre elas, mais que sobre os valores propriamente ditos, que incide a pertinência dos ‘estilos’.

Esses estilos próprios aos valores são esboçados a partir de dois grandes regimes axiológicos inerentes ao *campo de presença*. Por um lado identificamos um regime de *exclusão-concentração*, cujo operador é a *triagem*, e, por outro, temos o regime de *participação-expansão* assegurado pela *mistura*. Essas são as “duas principais direções capazes de ordenar o sistema de valores” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 49). Ambos os regimes – *exclusão-concentração* e *participação-expansão* – definem em seus extremos dois grandes estilos de valores: os *valores de absoluto* e os *valores de universo*, respectivamente, *ou seja*, os “valores de sistema” (Idem, p. 39). Entretanto, como a perspectiva tensiva intenta aproximar sistema e processo num mesmo fenômeno, faz-se necessária a introdução dos “valores de processo” (Ibid.), que os autores entendem como sendo a *pejoração* e a *melhoração*. Seriam eles, inclusive, os intermediários na passagem de um regime a outro.

2.3 A perspectiva modal

Não podemos abdicar, tampouco, da perspectiva da própria relação entre sujeito e objeto, se entendermos que a “junção enquanto tal é uma primeira modalização” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 54).

O enfoque tensivo faz com que a *existência semiótica* seja concebida em toda a sua espessura, dado que o *fazer* e o *ser* são tomados como momentos complementares de uma mesma maneira de existir. Não há necessidade de se marcar a distinção de um estado passional e de uma transformação que configuraria um fazer, já que ambos fazem parte de uma mesma conjuntura de transformações modais.

Segundo a direção adotada por Claude Zilberberg (1981), a modalização perpassa todo o percurso e se estende até o nível tensivo. Para construir sua argumentação, o autor projeta as categorias do plano de expressão como “tensão/relaxamento” e “difuso/compacto” no plano do conteúdo, notadamente nas funções actanciais e nas categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo. Como decorrência, “as modalizações tomam então o aspecto de modulações de um *continuum* tensivo” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 229).

A perspectiva da *existência modal* inverte aquela da *competência modal*, na medida em que a configuração modal passa a ser o valor final para a construção da identidade do sujeito, ao invés de meio para obter o objeto-valor. Neste caso, é a busca do objeto-valor que atua apenas como um valor intermediário. É sob esse ponto de vista que a modalização pode ser concebida como uma “modulação dos efeitos passionais associados ao estabelecimento de uma dêixis perceptiva” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 234).

Compreendida dessa forma, a modalidade diz respeito tanto a uma ligação necessária entre competência e performance, quanto a uma ligação contingente. O primeiro caso assume uma forma implicativa (*se querer, saber, poder* então *fazer*) e o segundo, uma forma concessiva (embora *querer, saber* . . . , no entanto *não-fazer*; ou apesar de *não saber, não querer*, . . . mesmo assim *fazer*) (cf. Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 237). Abre-se, desse modo, espaço para que a narrativa seja entendida não apenas a partir do encadeamento implicativo dos eventos, mas que também seja apreendida segundo a lógica concessiva, isto é, segundo uma lógica que admite a surpresa e o imprevisível no âmbito de pertinência da análise.

Em suma, a existência do sujeito é o resultado de configurações passionais complexas, ou ainda, é a projeção da “paixão-efeito de sentido” sobre uma grade aspectual. Fica, então, patente que as transformações modais do ser são independentes da busca de um objeto-valor pré-estabelecido e que a própria identidade do sujeito não é senão um equilíbrio transitório de arranjos modais. O estudo das paixões no discurso ganhou vulto com essa visão, como pode ser observado em Lima (2014).

Essa fundamentação propicia também um outro ângulo de entendimento para o fato de a modalização ser habitualmente tomada como um processo enunciativo. Ela estabelece um “imaginário modal”, em que as possibilidades de desdobramento de uma intencionalidade, arrolados em um estoque de modalizações possíveis (virtualizadas), são mobilizadas (atualizadas) em uma estrutura conflitante que se resolve e se realiza na trama enunciada. É convocada aqui a noção de práxis

enunciativa que mexe com muitas balizas da semiótica. Não há uso individual, tudo, no fim, é coletivo. Há sempre uma reapropriação de usos coletivos.

A práxis é uma cadeia de operações organizada em um tempo coletivo, o que instaura uma dimensão cultural da semiose que reverbera em todos os níveis, do mais rente à manifestação aos vetores básicos da construção do sentido em níveis mais profundos. Voltaremos a essa ideia em breve. Nesses termos, a densidade da proposição “a enunciação deitiza e modaliza o enunciado” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 252) se mostra com clareza.

3 A sintaxe figurativa

A acentuada incursão fenomenológica feita pela semiótica concede papel de destaque ao domínio da enunciação e da sensorialidade. Daí a importância que vem sendo atribuída ao conceito de *corpo*, entendido como ancoradouro e operador da significação, ao menos segundo a acepção que lhe confere Fontanille (2004).

Com o intuito de expandir o conceito de *corpo*, Fontanille parte de uma primeira divisão: uma instância de referência do eu (*moi*), a partir da qual o *campo de presença* se organiza, e uma outra instância denominada *corpo próprio*, que pode ser entendida como o ponto de reunião dos dois planos – expressão e conteúdo – responsáveis pela semiose no discurso em ato. É, portanto, o lugar onde a identidade do actante em contínua construção toma forma.

Da convergência dos estímulos polissensoriais resulta um *corpo* coeso cuja caracterização é essencialmente tributária de seu próprio movimento, fato este que faz com que a sensório-motricidade seja tida como correlato “carnal” da intencionalidade (Fontanille, p.125). Dito de outro modo, as fronteiras que delimitam o *corpo* – sua imagem propriamente dita, assim como seu potencial de ação – são estabelecidas a partir das interações da *carne* que, pelo intermédio sensório-motor, definem uma individualidade.

Assim, podemos explorar o *corpo* segundo seu movimento, suas “posturas” e segundo sua superfície de contato com o mundo que, ao final, vem a ser sua própria delimitação. A esta fronteira que dá forma ao *corpo* e ao mesmo tempo se molda com seu movimento, Fontanille denomina *envoltório* (fr. *enveloppe*). Funciona, de fato, como a superfície de contato do *eu* com o *mundo*, na medida em que, a cada dado momento, organiza uma resultante das tendências criadas com o movimento do *corpo*, fazendo o mesmo na contrapartida do movimento do *mundo* dentro do qual este *corpo* se insere e se cria (Fontanille, 2004, p. 127 e 135).

Se assim for, podemos dizer que o veio de pertinência para uma semiótica do *corpo* será precisamente a descrição das interações entre seu *movimento* e seu *envoltório*. Conseqüentemente, para entendermos seja o actante, seja o ato, é imprescindível a natureza sensível e dinâmica do *corpo*.

O autor postula dois movimentos sensoriais elementares, graças aos quais o sujeito se constrói: *adução*, pelo qual o sujeito se movimenta em direção ao mundo e a *abdução*, pelo qual o sujeito se volta a si mesmo, em direção a seu próprio centro (Fontanille, 2004, p. 131). A alternância desses movimentos delimita o *corpo do sujeito*, que não pode ser entendido apenas como um mediador entre o *eu* e o *mundo*, mas sim como o próprio operador da semiose que os constrói. É um

“operador e analisador das atmosferas tímicas [que] converte em figuras semióticas estados de alma difusos” (Idem, p. 137).

Nestes termos, o diálogo entre *eu* e o *mundo* se dá a partir do estabelecimento da oposição primordial *eu vs não-eu*, fundadora da significação, na medida em que desdobra a existência em papéis actanciais. A força motriz inerente a essa estrutura actancial dinâmica tem por correlato as qualidades sensíveis que, além de pontos de contato, são responsáveis pelos ajustes tímicos que a própria interação entre os actantes impõe (Fontanille, 2004, p. 138). Estes “ajustes” são levados a cabo pelas grandezas *foco* e *apreensão*, já discutidas.

Dessa maneira, podemos entender a centralidade da *percepção* no processo de significação, já que a concebemos como interface criadora de sentido na interação entre o *eu* e o *mundo* e, portanto, como a reguladora das variações de densidade do *campo de presença*. Entendemos, assim, que “a construção e a escolha de um ponto de vista é indissociável da relação corporal (ao menos imaginária ou virtual) com o objeto” (Idem, p. 140). A apreensão do objeto decorre, portanto, de um ajuste entre o percurso sensório-motor e sua morfologia. O autor classifica o sintagma responsável por tal ajuste em dois grupos: transitivo quando constitui uma relação com o objeto e reflexivo quando instaura a intersubjetividade (Idem, p. 141).

A partir do momento em que entendemos o *corpo do actante* como sendo composto, de um lado, pelo “moi”, a *carne*, a sensório-motricidade, e, por outro, o “soi” e o *corpo próprio*, podemos dizer que o *movimento* está para o “moi”, assim como o *envoltório* para o “soi”. Em suma, as formações actanciais são consequência de um “jogo” de forças criadas pelo *movimento corporal* de cuja resultante decorre a forma de seu *envoltório*.

Dentre as funções que Fontanille atribui ao *envoltório*, destacamos as que consideramos mais relevantes, quais sejam: a função de assegurar a coesão entre as partes constitutivas do *Moi* e lhes atribuir uma forma global; a função de filtragem dos efeitos dos estímulos exteriores; aquela de separação distintiva entre o *Moi* e o *não-Moi*; a função de operador axiológico, pela ação do qual pode funcionar como um receptáculo para o prazer e para a dor; a função de conector intersensorial e de superfície de inscrição, responsável por mostrar as marcas exteriores e interiores deixadas nessa superfície (p. 144-145).

Para além dessas funções, ao *envoltório* é também atribuída a função de superfície de inscrição que “traduz” esses conteúdos significantes em um perfil, uma *forma corporal*. Em suma, cabe também ao *envoltório* manifestar em sua superfície os conteúdos significantes que circunscreve e organiza e que, por conta disso, apenas podem ser apreendidos em seu processo de transformação.

A afetividade passa a ser encarada como uma projeção dos estados de alma no *mundo*, o que assegura “uma continuidade entre os estados de alma internos e a dominante tímica projetada sobre os estados de coisas externos” (Idem, 2004, p. 129). A componente tímica implícita ao movimento intencional do *corpo* faz com que este imprima sua própria “afeição” sobre o *mundo* em direção ao qual e no qual se movimenta, numa incessante busca por sua própria significação. O reconhecimento a *posteriori* dessa marca permite uma leitura desse *mundo* como se ele próprio fosse um estado de alma.

Há uma consequência imediata dessas atribuições feitas ao *envoltório*: este se transforma no substrato sobre o qual opera a *debreagem*. Não nos parece pertinente, neste momento, aprofundar tais mecanismos de projeção do *envoltório* pela operação de *debreagem*, da maneira como foram concebidos por Fontanille, mas sim avaliar quais são as consequências teóricas de tal proposição: ela “concede à operação de *debreagem*, fundadora dos atos de enunciação, um caráter carnal e, ao mesmo tempo, uma sintaxe mais explícita” (p. 152).

Isso implica uma tomada de posição da *carne* em relação ao *mundo*, o que traz como decorrência imediata um aumento do escopo daquilo que entendemos por ponto de vista, dado que a perspectiva a partir da qual se organiza o *campo de presença* passa a ser também decorrência da tomada de posição *do corpo*, entendido não apenas como ponto de vista cognitivo, mas também como entidade polissensorial. Norma Discini desdobra, em seus termos, a discussão sobre a necessidade de se admitir a presença encarnada de um ator da enunciação no discurso, entendido como figurativização do sujeito da enunciação tomado como actante discursivo (Discini, 2015).

Ao levarmos em conta que uma das noções mais gerais sobre *aspecto* diz respeito à organização de um “ponto de vista sobre a ação” (Greimas; Courtés, 1979, p. 29), a incorporação de uma “corporalidade” à noção de perspectiva seguramente trará desdobramentos à teoria.

4 Aspectualização

Atribui-se à *aspectualização* o papel de transformar as estruturas lógicas em processo, graças à ação de um observador colocado no enunciado (Barros, 1988, p. 91). Este observador estabelece um “ponto de vista sobre a ação”, com o qual o enunciado narrativo se organiza em seu desenvolvimento sintagmático por meio da inscrição de semas aspectuais tais como incoatividade → duratividade → terminatividade” (Greimas; Courtés, 1979, p. 30). A versão de Per Aage Brandt para o verbete *aspectualidade*, do *Sémiotique II* (Greimas; Courtés, 1986), introduz uma distinção entre eventos reversíveis e eventos irreversíveis. Os eventos irreversíveis dizem respeito aos processos nos quais ocorrem mudanças qualitativas, enquanto os eventos reversíveis não implicam qualquer mudança qualitativa. No primeiro caso, a aspectualização é entendida como um “efeito de fase” que pode ser decomposto em incoativo, terminativo e resultativo. No segundo tipo de evento, fala-se de aspectualização como um “efeito de intensidade”, cuja variação ficaria a cargo dos desdobramentos aumentativo e continuativo (Greimas; Courtés, 1986, p. 21).

Dizer que a aspectualização refere-se à determinação de um ponto de vista no interior do enunciado, significa que o *eu* enunciador atua como qualificador da ação ao instaurar uma escala antropomórfica no processo, que mobiliza as três categorias da enunciação, tempo, espaço e pessoa.

De fato, podemos dizer que tanto o espaço, quanto o tempo são organizados a partir do *eu* que os enuncia. Assim, para além da aspectualização temporal – oriunda dos estudos linguísticos –, F. Bastide (Greimas; Courtés, p. 19-20) mostra que podemos igualmente conceber uma aspectualização espacial como uma relação

entre lugares, tecida por um movimento. Nestes termos, traça um paralelo entre a categoria temporal e a categoria espacial, de modo que os desdobramentos, incoativo, durativo e terminativo são relacionados, respectivamente, com o ponto de partida, o percurso transcorrido e o ponto de chegada numa narrativa. Na mesma linha, foi também apresentado um esboço de aspectualização espacial baseada na organização sensorial do espaço em torno do ator: assim o espaço acessado pelo toque é mais próximo e restrito do que aquele alcançado pelo olhar, por exemplo.

Uma abordagem minuciosa relativa à aspectualização das categorias *tempo*, *espaço* e *pessoa* é apresentada por José Luiz Fiorin (1999). Citando Barros (1988, p. 84), o autor sustenta que qualquer estudo que procure aprofundar a discussão sobre o “ponto de vista” tem de, necessariamente, versar sobre as estratégias relativas à delegação de voz no enunciado (1999, p. 35). Sendo o narrador um “actante da enunciação enunciada” é natural que possa intervir a todo instante e de inúmeras maneiras na narrativa, de modo a impor seu ponto de vista, independentemente de estar ou não em sincretismo com um dos actantes do enunciado (Fiorin, 1999, p. 104). Na verdade, Fiorin aponta para uma precisão que merece ser discutida: a distinção entre as instâncias do observador e do narrador, feita por Greimas e Courtés para marcar a diferença entre a perspectiva em torno da qual o enunciado se constrói e a voz responsável por seu relato.

Assim, pertence ao observador o ponto de vista que organiza a narrativa em torno de uma perspectiva específica. Ele “pode estar implícito no enunciado, pode estar em sincretismo com o narrador ou pode estar instalado como tal no enunciado” (Fiorin, 1999, p. 104). Por conta dessa versatilidade de modos de inscrição, há, segundo o autor, por vezes uma tendência a hipertrofiar o papel do narrador, gerando uma confusão entre os papéis de quem fala e de quem vê. De todo modo, “ao alargar o conceito de enunciação enunciada temos que admitir que, a rigor, não existe narrativa em terceira pessoa” (Ibid.), na medida em que não há narrativa que não esteja submetida à intervenção do narrador, mesmo que este não tenha explicitamente tomado a palavra no enunciado.

O fato é que existe um ponto de vista atuando como base sobre a qual a narrativa se constrói e se sustenta, sendo a tônica ditada por esta perspectiva a responsável pelos matizes aspectuais do discurso. Essa base se estabelece sobre um marco referencial, construído pela pessoa, espaço e tempo da enunciação. Quando o sujeito da enunciação toma a palavra, define-se um “*eu que diz*” – que pode ser projetado ou permanecer implícito – e que toma para si a responsabilidade das escolhas que formarão o enunciado em sua singularidade. Em outros termos, o enunciado considerado em sua totalidade é resultado da instauração de um *ponto de vista*, cuja singularidade decorre da conjugação dos polos constitutivos do sujeito da enunciação, a saber, o enunciador e o enunciatário. Assim sendo, a partir do momento em que desenvolve instrumentos capazes de circunscrever as coerções sofridas pelo sujeito da enunciação, no ato de transformar suas escolhas em ocorrências discursivas, Fiorin amplia consideravelmente a abrangência do que entendemos por ponto de vista ou perspectiva. Para uma discussão detalhada e minuciosa, ver Fiorin (1999).

De todo modo, o próprio Greimas já previa, juntamente com Fontanille, “no

nível das pré-condições da significação, um conjunto de modulações tensivas que prefiguram a aspectualização discursiva propriamente dita” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 166).

Nessa mesma direção, Barros (1998) diz de maneira concisa e clara o que para nós é a motivação para que possamos dar um passo adiante e incorporar o ponto de vista tensivo nessa discussão:

[...] deve-se reconhecer que os estudos da aspectualização da expressão e das relações entre os dispositivos aspectuais da expressão e do conteúdo são necessários para compreender melhor os textos musicais e visuais abstratos e os discursos orais; segundo, podemos agora estabelecer relações mais seguras entre os textos poéticos e os discursos orais, em geral¹². (Barros, 1998, p. 6 - tradução nossa)

5 A enunciação tensiva

Sob a ótica tensiva, a singularidade inerente ao fazer enunciativo passa a ser abordada como uma “mobilização” específica de algumas das alternativas, até então latentes, asseguradas pelo sistema. Seguindo o enfoque proposto por Fontanille e Zilberberg, a enunciação partiria de uma competência virtual, que diz respeito às estruturas e categorias, e sobre esta estrutura selecionaria os regimes a serem então utilizados em discurso (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 175). O que está em jogo é, partindo-se da análise das invariantes do sistema, restituir as variantes – até então relegadas ao extra-sistêmico – ao âmbito de pertinência da análise. Trata-se da abordagem do funcionamento instável do discurso e das coerções que o mobilizam (Fiorin, 1999, p. 22).

Já no *Dicionário de Semiótica*, Greimas e Courtés apontam para a importância de aumentar a amplitude de acolhimento da temporalidade no percurso, pois, caso contrário, a enunciação corre o risco de:

[...] perder o impulso se nele não se inscreve o essencial, aquilo que o faz vibrar, aquilo que faz com que a enunciação seja um ato entre outros, a saber, a intencionalidade [...] que interpretamos como uma “visada do mundo”, como uma relação orientada, transitiva, graças à qual o sujeito constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo em que se constrói a si próprio. (Greimas; Courtés, 1979, p. 147)

Em outras palavras, para que numa dada análise possamos considerar que todos os níveis do percurso resultaram de escolhas da enunciação, temos que concebê-los como lugares de acolhimento da *intencionalidade*, como dizem os autores acima, entendida como uma visada que organiza o mundo em um ente de significação, o que, por seu turno, reenvia à própria constituição significativa do ser. A *intencionalidade*, nestes termos, pode ser entendida como o ato perceptivo da instância enunciativa que, além de conferir coesão ao percurso, forja um ponto de vista em constante mutação, “uma espécie de metamorfose elementar, já que se

¹² “[...] il faut reconnaître que les études de l’aspectualisation de l’expression et des rapports entre les dispositifs aspectuels de l’expression et du contenu sont nécessaires pour mieux connaître les textes musicaux et visuels abstraits et les discours oraux ; deuxièmement, on pourra à présent établir des rapports plus sûrs entre les textes poétiques et les discours oraux, en général” (Barros, 1998, p. 6).

trata de transformar algo da ordem do sensível para algo da ordem do inteligível” (Silva, 1995, p. 64).

A ideia de simulacro está na base da existência semiótica, na medida em que o sujeito da enunciação cria uma imagem de si e do mundo do qual é parte e tem nesse fazer cognitivo a base das relações fiduciárias que definem a sua existência.

O equacionamento da *existência semiótica* a partir dos seus *modos de presença* possibilita, então, não apenas um campo comum de discussão entre o projetado no enunciado e o pressuposto pelo enunciado – a enunciação –, mas introduz na base de todas as equações semióticas a noção de *perspectiva*.

Sobre a noção de perspectiva, Lopes (2006) explica com clareza o lugar do observador, enquanto centro dêitico que organiza os movimentos moduladores do campo de presença:

A profundidade proposta é medida pelas correlações entre intensidade e extensidade identificáveis nesse campo posicional. Em princípio, quanto *mais distante* do centro dêitico (maior extensidade), *menor* a intensidade sensível – sensível significando, no caso, “perceptiva” e “tímica” simultaneamente; quanto *mais próximo* do centro dêitico (menor extensidade), *maior* o impacto sensível, logo a intensidade. (Lopes, 2006, p. 11)

Concebido como dinamização da existência semiótica, o devir mostra que o ser é coextensivo à sua vivência temporal e que, por conta disso, é em seu desenrolar que sujeito e objeto se constroem mutuamente. Essa inter-relação entre ambos é estruturada na e pela intencionalidade do sujeito, e tem como resultado o objeto-discurso. É sobre a base do devir que o discurso se constrói, na medida em que circunscreve e orienta a dinâmica de interação entre enunciador e enunciatário. Além do mais, o devir zela pela manutenção dessa interação significativa em seu próprio decorrer, o que equivale a dizer que confere forma a uma experiência temporal.

Trata-se do exercício do ato de discurso, da transformação das virtualidades do sistema linguístico em processo, da atualização das formas semióticas em operações (Greimas; Courtés, 1979, p. 146). Diz respeito, portanto, ao campo de atuação da práxis enunciativa, responsável por convocar no discurso grandezas heterogêneas, isto é, tanto aquelas geradas a partir do sistema, quanto aquelas fixadas pelo uso. A coexistência de grandezas heterogêneas no discurso pode ser entendida apenas se estas estiverem ligadas a diferentes modos de presença (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 174).

Os modos de presença dizem respeito a uma variação de densidade do campo de presença, regulada a partir dos modos de existência. Os diferentes modos de presença são: a plenitude, a vacuidade, a falta e a inanidade, respectivamente para os modos de existência o realizado, o virtualizado, o atualizado e o potencializado. A inter-relação contínua entre sujeito e objeto, geradora do campo de presença, pode ser entendida como a própria busca do sujeito por si mesmo, ou pela identidade que o legitima como sujeito e o integra em seu contexto de atuação. Desse modo, a modalização e os modos de existência apresentam-se intimamente ligados, na medida em que a própria noção de intencionalidade está fundada numa incompletude do ser que a modalização atualiza, colocando-o em busca da plenitude cuja conquista passa a ser o valor do valor para o sujeito, numa

dinâmica de transformações que enfatiza as “metamorfoses”, em detrimento dos estados acabados.

De fato, para Fontanille e Zilberberg, o enunciado é dotado de uma *profundidade enunciativa* decorrente da superposição dos graus de existência da *práxis enunciativa*, que passa a ser entendida como um regime de dominâncias entre os modos de existência responsáveis pela configuração do sistema – *virtualizado* e *potencializado* – e aqueles que concernem à linguagem em ato (o processo) – os modos *atualizado* e *realizado* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 175-177). Nesses termos, a abordagem tensiva garante ao devir o estatuto de base da significação.

Considerando que o sujeito da enunciação tem por objeto o enunciado, no momento da plenitude – em que a distinção entre os polos actanciais se atenua, e sujeito/objeto encontram-se unidos num mesmo corpo – temos uma situação de particular interesse. O sujeito da enunciação se coloca em evidência e a relação se consoma na manipulação sensorial direta do segundo pelo primeiro. Esse tipo de situação parece ser uma das inovações trazidas pela literatura contemporânea, em que a dimensão pragmática é integrada ao ato de leitura pela manipulação sensorial do enunciatário.

6 O paralelismo entre a dêixis discursiva e a dêixis tensiva

A partir do momento em que o enunciado é concebido como uma profundidade enunciativa estruturada na superposição dos graus de existência da *práxis enunciativa*, este passa a ser entendido como um regime de dominâncias entre os modos de existência. Isso confere ao devir uma importância primeira nos processos de significação. Essa perspectiva dinâmica parece revelar uma relação estreita entre os fluxos tensivos e a expressão de suas estabilizações efêmeras no nível discursivo. De fato, o paralelismo entre esses níveis parece já ter sido previsto por Ignacio Assis Silva, quando propõe que o processo de figurativização, ao invés de ser entendido apenas como um adensamento da significação de mão única, deveria ser visto como um jogo de correspondências entre um nível mais profundo e o discursivo:

A relação entre figuratividade profunda e a de superfície é conhecida, na teoria semiótica, como figurativização. Ela institui um jogo de eco (Eco?!) ou de espelho (Narciso?!) entre a estrutura profunda e a de superfície. Estamos acostumados a pensar nessa relação como se dando no sentido que vai da estrutura profunda em direção à da superfície. Usando as metáforas Eco e Narciso, estou sugerindo uma orientação dupla na leitura desse percurso: pode ser que as figuras de superfície sejam eco da estrutura profunda, pode ser ainda que a relação entre esses níveis seja uma espécie de relação narcísica, um jogo de espelhos (Silva, 1995, p. 31).

A perspectiva criada a partir da noção de existência modal (em contraposição àquela de competência modal) parece reforçar a tese de Silva, na medida em que erige a configuração modal como o valor final para a construção da identidade do sujeito. Ela forja um ponto de vista segundo o qual a existência do sujeito é o resultado de configurações passionais complexas, sendo a modalização concebida

como uma “modulação dos efeitos passionais associados ao estabelecimento de uma dêixis perceptiva” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 23).

Salvo engano, coube à *Semiótica das Paixões* o papel de inaugurar o paralelo entre ambos os níveis com a noção de *convocação* enunciativa, por prever a convocação direta, ao nível da manifestação discursiva, das modulações do devir. Segundo Greimas e Fontanille, a categoria *aberto x fechado* determina as modulações tensivas do devir. A partir daí, essas modulações podem ser convertidas em modalidades no nível sêmio-narrativo, mas também podem ser diretamente convocadas ao nível discursivo como aspecto. Desse modo, as três modulações, abertura, cursividade e fechamento, tornam-se, no nível discursivo, a tríade aspectual “incoativo-durativo-terminativo” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 37). Além disso, o já existente paralelo entre categoria tímica (Greimas; Courtès, 1986, p. 238-239) e papel patêmico (Idem, p. 165) só faz por confirmar que há muito se vê a pertinência das correspondências entre um nível mais abstrato e o superficial do percurso gerativo.

Discini (2019) mostra um outro caminho entre as relações aspectuais que valem menção no quadro teórico de Zilberberg por articularem duas noções centrais para a dinâmica de modulações do campo de presença: o modo de eficiência (*pervir* e *sobrevir*) e os modos de junção (implicação e concessão) (Zilberberg, 2011; 2007):

Ambos os termos, o *sobrevir* e o *pervir*, definidos em reciprocidade, apresentam-se, conforme Zilberberg, como “duas maneiras pelas quais uma grandeza ingressa no campo de presença e ali se estabelece”. Em relação à temporalidade, vista como duração, logo aspectualmente compreendida, o *sobrevir* está para a instantaneidade e a indivisibilidade; o *pervir*, para a duratividade e a progressividade. (Discini, 2019, p. 3)

A própria relação que estabelece uma tensão entre os estilos implicativos e concessivos, explicada a partir de possíveis dinâmicas narrativas entre programa e contra-programa (Zilberberg, 2011, p. 99), demonstra claramente que há um espelhamento possível entre os níveis.

Em suma, a relação entre os estratos mais profundos e o nível mais superficial da geração de sentido e até mesmo o nível da manifestação, a partir do momento em que categorias tensivas abstratas organizam tanto elementos de expressão como de conteúdo, já é algo fartamente explorado na prática analítica e também na teoria, o que, como tentamos demonstrar, é algo coerente com o próprio percurso de seu desenvolvimento, tomando por fio condutor o conceito de junção e suas implicações.

O que procuraremos mostrar nesta última etapa da discussão é como esse diálogo, há muito já estabelecido, pode também ganhar coerência pelo ponto de vista do lugar da enunciação na teoria.

Retornando a dois pontos mencionados na introdução, tidos como centrais para essa argumentação, a saber: a primazia do afeto na construção de sentido e a proposição de um sistema dinâmico, estabelecido a partir da tensão entre relações sintagmáticas e paradigmáticas, voltemos à palavras do próprio Zilberberg:

Uma teoria que submete o espaço ao tempo, e o próprio tempo, por sua vez, ao andamento, posiciona-se, por uma questão de coerência, mais sob a égide de Heráclito que sob a de Parmênides [...]. (Zilberberg, 2011, p. 19)

Interessante notar que há nessa proposição uma hierarquia entre as categorias, de modo que o *espaço* é submetido ao *tempo* que, por sua vez, se submete ao *andamento*. Se lembrarmos que o andamento (juntamente com a tonicidade) é uma das subdimensões da *intensidade* e que “sob a denominação de *intensidade*, acolhemos a afetividade como um dos eixos constitutivos do espaço tensivo” (Zilberberg, 2011, p. 27), parece claro o papel preponderante do andamento para a teoria zilberberguiana. De acordo com sua já consagrada formulação: “o andamento é senhor, tanto de nossos pensamentos, quanto de nossos afetos, dado que ele controla despoticamente os aumentos e as diminuições constitutivas de nossas vivências” (Zilberberg, 2006, p. 168).

Curioso notar que, posto dessa maneira, o sujeito tensivo não é temporal, como costumeiramente se trata essa existência em devir. Mas é também uma existência “temporal”, desde que tomada nos moldes fenomenológicos, um tempo desdobrado e constituído pelo observador, como já discutimos. São, portanto, as acelerações e desacelerações do andamento que desenham essa existência em movimento.

Isso implica dizer que, no paralelismo entre a dêixis discursiva e tensiva, teremos um rebatimento do tempo com a temporalidade, do espaço com a espacialidade, elementos de demarcação da situação de interlocução organizados por um observador, que, no nível discursivo, controla a delegação das vozes e no tensivo rege “despoticamente” os aumentos e diminuições constitutivas de nossa vivência, os mesmos aumentos e diminuições que, não por acaso, Zilberberg denomina aspecto, como já vimos.

7 Enunciações em diálogo

A pergunta sobre a possibilidade de aproximação das duas concepções de enunciação ainda permanece, mesmo havendo essa possibilidade de paralelismo, como procuramos demonstrar ao longo de nossa discussão.

Se retornarmos à argumentação de Fiorin (2017), teremos o seguinte problema em mãos:

Segundo Greimas, as operações eram uma instância de mediação entre a virtualidade (estrutura fundamental e estrutura narrativa) e a realização (estrutura discursiva), isto é, a instância de passagem da estrutura para o evento discursivo. Na semiótica tensiva, as operações podem ser ascendentes (passagem do virtualizado para o atualizado ou do atualizado para o realizado) ou descendentes (passagem do realizado para o potencializado e do potencializado para o virtualizado). Isso significa que a enunciação não é mais uma instância de mediação entre o sistema e seu uso; em vez disso, a enunciação torna-se responsável pela constituição do sistema, já que as virtualidades são geradas pela enunciação. Aqui estamos muito longe do conceito greimasiano de enunciação¹³. (Fiorin, 2017, p. 268 – tradução nossa)

¹³“According to Greimas, operations were an instance of mediation between virtuality (fundamental structure and narrative structure) and realization (discursive structure), that is, the instance of passage from the structure to the discursive event. In tensive semiotics, the operations may be ascendant (passage from the virtualized to the actualized or from the actualized to the realized) or declining (passage from the realized to the potentialized and from the potentialized to the virtualized). This means that enunciation is no longer an instance of mediation between the discursive system and its exercise; instead enunciation becomes responsible for the constitution

Fontanille (2017a), em sua apresentação da obra *L'énonciation aujourd'hui. Un concept clé des sciences du langage*, ao falar do tratamento da enunciação “à la française”, coloca a seguinte questão: “A práxis é um uso ou uma emulação do sistema? ou a práxis é uma pré-condição para o surgimento do sistema?”¹⁴ (Fontanille, 2017a, p. 3).

A pergunta é válida, na medida em que convoca os modos de existência, cuja dinâmica estabelece: (i) virtualizado: estruturas e categorias; (ii) atualizado: regimes selecionados; (iii) potencializado: praxemas; realizado: ocorrência em discurso (Fontanille; Zilberberg, 2001, p.175).

A partir do momento em que o enunciado é concebido como uma *profundidade enunciativa* estruturada na superposição dos graus de existência da *práxis enunciativa*, este passa a ser entendido como um regime de dominâncias entre os *modos de existência*. Isso confere ao devir uma importância primeira nos processos de significação. A este respeito, Fontanille, dedicando-se à ideia de uma maleabilização entre sistema e processo, vai mais longe quando prevê que os quatro modos existência coexistem numa dinâmica de dominâncias no processo de semiose:

A semiose é, dessa maneira, tanto tensão quanto competição. E os cenários de manifestação apresentam processos concorrentes na profundidade dos modos de existência: em um mesmo segmento da manifestação, coexistiriam as semioses virtuais, potenciais e atuais.¹⁵ (Fontanille, 2017b, p. 213 – tradução nossa)

Independentemente de acatarmos essa proposta mais recente de Fontanille, que prevê uma espessura de modos de existência, por assim dizer, o que nos importa reter é o fato de que para pensarmos a enunciação enquanto instância de mediação entre o sistema e a realização individual, temos que passar pela dinâmica dos modos de existência.

Nesse sentido, temos dois modos de pensar a enunciação, como diz Fiorin e como o próprio Zilberberg indica quando marca a distinção entre virtualidade e virtualização:

Certamente, estamos diante de uma tríade, mas heterogênea, pois a virtualidade diz respeito ao sistema; a atualização e realização ao processo, sendo a primeira ao processo narrativo e a segunda ao processo linguístico. Em seguida, esse número foi levado a cinco, em *Semiótica das paixões* (Greimas; Fontanille, 1993), pois a obra acrescentava, aos três já estabelecidos, a virtualização e a potencialização. Em princípio, essas cinco operações deveriam permitir descrever a circulação, a entrada, a saída, a volta das grandezas no interior do campo de presença, mas esse objetivo não foi atingido imediatamente, parece-nos, por duas razões: foi preciso algum tempo para compreender que a virtualidade e a virtualização, apesar de seu radical comum, não tinham nada a ver uma com a outra; foi preciso algum tempo para

of the system as well, since virtualities are generated by enunciation. Here, we are very far from the Greimasian concept of enunciation” (Fiorin, 2017, p. 268).

¹⁴ “La praxis est-elle un usage et une émulation du système ? ou la praxis est-elle un préalable à l'émergence du système ?”

¹⁵ “La sémiose est de ce fait à la fois tension et compétition. Et les réglages de la manifestation disposent ces procès concurrents dans la profondeur des modes d'existence : en un même segment de la manifestation, coexisteraient alors des sémioses virtuelles, potentielles et actuelles” (Fontanille, 2017b, p. 213).

tornarem-se claras as relações de pressuposição e discernir os protocolos observados nos discursos. (Zilberberg, 2007, p. 22)

A questão é minuciosamente explorada na noção de práxis enunciativa, conforme proposta em *Tensão e Significação*:

Os modos virtualizado e potencializado correspondem ambos ao estado latente das formas disponíveis, à linguagem “em potência”, segundo Guillaume, ao “sistema”, segundo Hjelmslev. Convém provavelmente distinguir o “virtual”, puro pressuposto sistêmico do discurso, e o “virtualizado”, obtido por desprendimento de um praxema; do ponto de vista da análise discursiva, porém, esses dois modos se superpõem de maneira exata, na medida em que - memória da coletividade (sistema virtual) ou memória das operações do discurso (grandezas virtualizadas) - ambos aparecem como a memória da práxis enunciativa. Em contrapartida, os modos atualizado e realizado correspondem ao estado manifesto, à linguagem em ato, ao “processo”, segundo Hjelmslev. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 175)

A dinâmica que se estabelece entre “a memória das operações” (grandezas virtualizadas) e a “memória da coletividade” (sistema virtual) garantiria, assim, o vigor do imbricamento entre as variações e mudanças na estrutura.

Assim sendo, se, por um lado, concordamos com Fiorin (2017) de que os conceitos de enunciação tal como concebidos pela perspectiva da semiótica padrão e pela abordagem tensiva são, até certo ponto, “dois conceitos de enunciação”, até porque foram estabelecidos em momentos diferentes da trajetória da teoria, por outro, não concordamos com a posição de que esses modelos não podem ser conciliados nesse ponto.

Do mesmo modo que o conceito fundador da metodologia semiótica, a junção, foi sofrendo transformações ao longo do trajeto da teoria, principalmente a partir da “virada fenomenológica”, como procuramos demonstrar em linhas gerais neste artigo, o conceito de enunciação foi se alargando e ocupando outros lugares. As acepções padrão e tensiva não são as mesmas, mas podem ser espelhadas a partir de uma mesma base. Nesse sentido, procuramos mostrar que dialogam intimamente, irmanadas na coerência que a teoria sempre demonstrou desde seu início. São metamorfoses consequentes e coerentes de uma base firme sedimentada por Greimas.

Para finalizar, fiquemos com as palavras do próprio Zilberberg, a quem a Semiótica será sempre tributária: “Assim, sugerimos modificar a definição hjelmsleviana de estrutura: entidade autônoma e *deformável* de dependências internas” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 109 – grifo do autor). ●

Referências

- BADIR, Sémir. Claude Zilberberg, *Éléments de grammaire tensive. Actes Sémiotiques*, n° 110, 2007. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2286>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *L’aspectualisation en sémiotique. Histoires et perspectives*. In: *Lexia. Rivista di semiotica*. Aspettualità / aspectuality, n° 27-28, p. 85-105. Torino: 2017.

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 58.1, p. 7-24. Campinas: Jan./Abr. 2016.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *L'aspectualisation des discours oraux*. Linx, nº 10, p. 109-120, 1998. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/975>. Acesso em: 1 fev. 2019.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- DISCINI, Norma. Claude Zilberberg: o semioticista e o esteta. *Actes Sémiotiques*, nº 122, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6335>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. Two concepts of enunciation. *Semiotica*, [S.l.], v. 219, 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/semi.2017.2017.issue-219/sem-2017-0061/sem-2017-0061.xml>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e retórica. *Gragoatá*, [S.l.], v. 12, n. 23, dez. 2007. Disponível em: www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/262. Acesso em: 20 jan. 2019.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: ática, 1999.
- FONTANILLE, Jacques. L'énonciation aujourd'hui. Un concept clé des sciences du langage. *Actes Sémiotiques*, vol. 15, nº 2, 2017a. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5696>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- FONTANILLE, Jacques. Paradigmes d'alternatives syntagmatiques : la manifestation est une compétition.. *Signata*, vol. 8, 2017b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/signata/1403>. Acesso em: 21 jan, 2019.
- FONTANILLE, Jacques. *Soma et Sema*. Paris: Maisonneuve Larose, 2004.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- LIMA, Eliane Soares de. *Entre compaixão e piedade: o estudo das paixões em semiótica*. 2014. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LOPES, Ivã Carlos. A noção de "Profundidade" na semiótica. *CASA*, vol. 4, no 2. Araraquara:2006.
- GOMES, Regina. Um olhar semiótico sobre a atualidade: a aspectualização a partir de Greimas. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, p. 108-116, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144314>. Acesso em: 1 dez. 2018.
- GREIMAS, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracine. São Paulo: ática, 1993.

GREIMAS Algirdas Julien; e COURTÉS, Joseph. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS Algirdas Julien; e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. L'Enonciation: une posture épistémologique. *Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, nº 1, p. 09-25. Ribeirão Preto: 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, Inácio Assis. La construction de l'acteur. In: PARRET, Herman ; RUPRECHT, Hans-George (orgs.) *Exigences et perspectives de la sémiotique: recueil d'hommages pour A.J. Greimas*, vol. II, p. 575-582. Amsterdam ; Philadelphia: J. Benjamins Pub. Co, 1985.

TATIT, Luiz. Musicalisation de la sémiotique. *Actes Sémiotiques*, nº 122, 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6281>. Acesso em: 15 jan. 2019.

TATIT, Luiz. Quantificações subjetivas: crônicas e críticas. In: *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Linguagens em diálogo*, nº 42, p. 35-50. Niterói: 2011.

TATIT, Luiz. A duração estética. In: LANDOWSKI, E., DORRA, R. e OLIVEIRA, A. C. de (eds.) *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/PUEBLA: UAP, 1999.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 13-28. São Paulo: jun. 2007.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. *Significação*, vol. 25, p. 163-204. São Paulo: 2006.

ZILBERBERG, Claude. *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam, John Benjamins, 1981.

Dados para indexação em língua estrangeira

Mancini, Renata

The tensive enunciation in dialogue

Estudos Semióticos, vol. 15, Edição Especial (2019)

ISSN 1980-4016

Abstract: *By unveiling the sensible dimension of texts in an operational way and by proposing the perspective of a dynamic system, Zilberberg and others allowed some openings for greimasian semiotics that realigned the theory to contemporary challenges that would escape the scope of initial proposals. We follow a path that allows us to aim for an integrated view of the two enunciation conceptions already established in the theory - the enunciation as conceived by Greimas and the tensive enunciation. For that we pull the thread of the process of identity construction through the concept of junction to show how the subject of the greimasian enunciation can be united with the tensive praxis. We establish a parallel of the categories of person, space and time of the discursive level with the organizing perceptive deixis of the tensive flows, understood in the form of space-time depths organized from the perspective of an observer. We propose to relate time and space with temporality and spatiality, both elements that line off the situation of interlocution organized by an observer who at the discursive level controls the delegation of voices and in the tensive arena rules “despotically” the constitutive increases and decreases of our experience, the same increases and decreases that, not by chance, Zilberberg calls aspect.*

Keywords: *Enunciation; Tensive approach; Enunciative praxis.*

Como citar este artigo

Mancini, Renata. A enunciação tensiva em diálogo. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 64-87. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 25/02/2019

Data de aprovação do artigo: 10/03/2019
